

FÁTIMA LAMBERT

AUTORRETRATO E IDENTIDADE(S)

OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS NA ESTÉTICA EM ALMADA NEGREIROS: DA MODERNIDADE AO VER

*“mãe!
vem ouvir a minha cabeça a contar histórias
ricas que ainda não viajei”*

[almada negreiros]

1ª PARTE: OS PROCESSOS

O processo de elaboração de um doutoramento, em meados dos anos 1990, revestia-se de uma aura bem específica. Havia expectativas grandes, quer por parte de quem orientava, quer de quem fosse orientado. Os condicionaismos plasmavam-se, mesmo no tocante à escolha de autores e temas para abordagem. A título de exemplo, se pretendesse tratar um autor estrangeiro, deveria necessariamente, dominar o idioma na perfeição. Por outro lado, não era muito conveniente investigar sobre a obra de um filósofo, escritor ou artista ainda vivo – situação que, por vezes, era ultrapassável. A decisão em manter o arco temporal centrado a partir do *Modernismo Português* foi uma continuidade desejada, ainda que ciente que, neste caso, a sua vida tinha sido bem mais longa do que a de Fernando Pessoa & C^a Ltda. Almada Negreiros tinha sido objeto de estudo quando do Mestrado, uma vez que a 2ª parte dessa tese se ocupou de quatro artistas contemporâneos de Pessoa, pretendendo analisá-los à luz da sua estética: Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros, Eduardo Viana e Guilherme de Santa Rita (*Aka* Santa-Rita Pintor). Durante os anos em que desenvolvi pesquisa e investigação de Mestrado, o fascínio pela obra de Almada adensara-se, confirmando-se, na sequência das abordagens iniciais, ainda em contexto de licenciatura, e num diálogo cúmplice com a colega e amiga Catarina Ramos. Parece-me que, aos 17 ou 18 anos a sedução pela figura, personalidade e atuação de Almada são inevitáveis para muitas pessoas.

[em finais dos anos 1980, viria a dividir a minha vida com um homem que, também, e desde muito jovem, se fascinou pelo compromisso estético e literário de Almada] Adicionou-se o fato de Almada abarcar, estender a sua criação a áreas que, à época e durante mais dez anos, eu me dedicava: o bailado e o desenho/pintura, para além da escrita.

Desde o princípio que, da leitura da sua obra poética e ensaística, emanava uma aura de energia boa e “feliz”, contrastante ao impacto mais dramático que Fernando Pessoa me provocara. Por certo, tinha a certeza que não voltaria a dedicar-me exclusivamente a Pessoa, malgrado a sua obra tivesse iluminado o meu entendimento de Almada e continue a elucidar-me quanto a outros autores: Pessoa exerceu e exerce uma luz fundadora.

Decidida por Almada Negreiros, cabia, em 1987/88, decidir qual a incidência a privilegiar, qual o núcleo específico do estudo, no contexto de um doutoramento em Filosofia, na especialidade da Estética. Não houve demasiadas dúvidas quanto a desejar abarcar a obra escrita, assim como a obra visual e, convocando, as demais criações pois nunca se poderiam excluir do TODO-OBRA.

Pelas consultas e leituras anteriormente realizadas, verificava-se a existência de textos inéditos, assim como uma amplitude de obra plástica vasta e diversificada. Conhecendo-se o volume “Entrevistas a Sarah Affonso”, autoria de sua nora, Maria José Almada Negreiros, entendeu-se contatar a Família, através de amigos comuns. Após um primeiro contato, desenvolveram-se várias reuniões e conversas com o filho, Arquitecto José Almada Negreiros que viriam a verificar-se decisivas, ainda que não houvesse possibilidade de cedência de inéditos, por motivos de contrato que a Família celebrara com a editora que iria publicar a obra integral.

Nas primeiras, segundas...décimas incursões, o resultado mantinha o “diagnóstico previsível”, quanto ao fato da:

- Obra escrita integral publicada estar incompleta e [desesperadamente] confusas (no caso de alguns dos 6 volumes editados – versão – pela Estampa, Lisboa. Havia, na altura, notícias de que a INCM daria continuidade aos volumes *Obras Completas* que haviam surgido a público a partir de 1982;

- Obra visual integral (vá-se lá saber o que entender por esta expressão) não estava publicada, e tampouco tinha sido apresentada em exposições retrospectivas ou antológicas, com algumas exceções, nomeadamente em Madrid, na Fundação Juan March.

Ou seja, livros, supostamente as fontes primárias, o que se poderia mais diretamente consultar, continuava, afinal, em incompletude significativa, assim como textos críticos (fontes primárias e secundárias) dispersos em catálogos – parcos e pouco atualizados.

O maior número de obras, sistematizadas, para conhecimento fidedigno, encontrava-se agregado (à data) num único e emblemático livro, autoria de José-Augusto França, mas esgotado no mercado. Felizmente, a peregrinação habitual por lojas de alfarrabistas no Porto e, depois, em Lisboa, foi profícua.

Um exemplar foi encontrado e a um preço acessível, pelo que essa obra – pilar fundamental para o estudo – foi adquirida. O mesmo não sucedeu, quando se teve conhecimento, numa visita a feira de antiguidades no Porto, no stand do Alfarrabista Manuel Ferreira, de estarem à venda documentos inéditos, manuscritos e desenhos de Almada Negreiros. Nomeadamente, a *Historia Verde* (1921) que havia muito ambicionava ler/ver. Ainda que a verba não fosse exorbitada, à época, não tinha condições para a compra. Teria de me contentar com a leitura, através do vidro da vitrine que, na exposição *Almada, a Cena do Corpo*, foi apresentada no Centro Cultural de Belém, em 1994.

Outro óbice, ainda que facilmente ultrapassável, residia no fato de ser professora no Politécnico do Porto e as consultas documentais estarem centradas em Lisboa e em Coimbra. Seguiram-se anos de viagens frequentes à Biblioteca Nacional (Lisboa), Bibliotecas da Universidade de Coimbra (Geral e da Faculdade de Letras), Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) e Biblioteca da FLUP, Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto, para além da Biblioteca da Faculdade de Filosofia de Braga. Na verdade, as idas à Biblioteca Municipal do Porto, à época eram infrutíferas, pelo que a situação se resolvia melhor noutras instituições.

Entre 1992 e 1997 houve possibilidade de contactar pessoalmente, diferentes especialistas na obra de Almada Negreiros e do Modernismo Português, na maioria pessoalmente, quando de participação em eventos de natureza científica, realizados no Porto, Lisboa e Évora. De referenciar, em particular, as conversas e colaboração de particulares na cedência de bibliografia, caso do Prof. Alfredo Ribeiro dos Santos, Prof. Florido de Vasconcelos (via Dra. Maria João Gagean Vasconcelos), Profs Fernando Guimarães, Rui Mário Gonçalves, Fernando Pernes, entre outros que a seguir se nomeiam. Efetivamente, o processo de elaboração da tese desenvolveu-se nos anos que antecederam e seguiram às comemorações do 1º centenário de nascimento de Almada Negreiros – 1893-1993.

Como é habitual ocorrer, durante estes processos de investigação, devem publicar-se artigos e realizar comunicações, conferências. Assim, foi aceite o convite para realizar comunicação na Universidade de Évora, no Colóquio dedicado a Almada (1993/94), no Auditório da Câmara de Matosinhos (organizado pela Associação de Professores de Filosofia), no Colóquio Internacional Almada Negreiros (organizado por Celina Silva para a Fundação Eng. António de Almeida, Porto – 1994) entre outras atividades. Foram publicados dois papers incidindo na questão de auto-identidade versus autorretrato, na Revista *Brotéria* e, depois, nas Atas do Colóquio de Évora e do Colóquio Internacional do Porto. Entre esses eventos, surgiu a oportunidade de organizar, para a Fundação de

Serralves, com Maria João Fernandes e Fernando Pernes, um Colóquio Internacional comemorativo do Centenário e que se concretizou em 1993. O evento teve como parceira a Divisão de Museus e Património da C. M. Porto, sendo a conferência assegurada pelo Prof. José-Augusto França, na Casa Tait, onde se apresentou uma exposição da Obra Gráfica de Almada (que anteriormente se vira no Palácio Galveias, Lisboa), comissariada por Maria João Vasconcelos (diretora da Divisão MP-CMP), Maria João Fernandes (Fundação de Serralves) e por mim. O Colóquio reuniu, na duração e 3 dias, os mais eloquentes especialistas em Almada, numa experiência vivida com tal interesse e intensidade, que ficará para sempre inesquecível. Neste Colóquio, realizei, também uma comunicação, sob temática das aproximações filosóficas à Estética de Almada.

Uma chamada de atenção: se, por um lado, estas atividades de investigação foram algo de insubstituível e, sobretudo, o privilégio de aprofundar o conhecimento com pessoas como os Profs. José-Augusto França, Lima de Freitas, Eduardo Lourenço, Dalila Pereira da Costa, Tomás Ribas, Jorge Listopad, Rui Mário Gonçalves, Diogo Alcoforado, Celina Silva e Arnaldo Saraiva... por outro lado, afastavam-me necessariamente da escrita regular e fluente, pois tinha de ser articulado com atividade docente, de lecionação e alguns cargos na Escola Superior de Educação, assim como a Coordenação da Comissão para o Ensino Artístico, no Ministério da Educação, em Lisboa. Confidencie-se que os “recentramentos GPS” no doutoramento eram frequentes, quer por parte do Orientador, Prof. Mário Garcia, quer pela família próxima, marido e Pai...

Finalizando, destaquem-se algumas circunstâncias felizes e inesperadas, ainda que de natureza bem diferente:

1. Lecionação de cadeiras (unidades curriculares) de História da Estética que proporcionou uma abrangência ao pensamento ocidental específico, extraordinariamente coadunado aos fundamentos filosóficos da Estética de Almada que varria os tempos, desde a Grécia à Modernidade.

2. Levantamento fotográfico, mediante a recolha de imagens in loco, no relativo à obra de inserção pública de Almada Negreiros, em vários locais, Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e em Lisboa: Faculdade de Direito e Reitoria na Cidade Universitária de Lisboa, Ministério da Defesa, Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Gare de Alcântara e Gare da Rocha Conde de Óbidos...

3. Conversas inúmeras – já anunciadas atrás – com o Arquiteto José Almada Negreiros.

4. Cedência de manuscritos e desenhos inéditos para consulta, por parte de Dona Madalena Amado Brito e Cunha, a quem Almada dedicara várias obras na juventude. Não esquecerei a sua generosidade e partilha de palavras, através das

diligências de seus netos, a cravista Ana Mafalda Leite Castro e o arquiteto Carlos Machado.

Sem tais diligências, circunstâncias e condições a tese não teria cumprido o que se exigia e pretendia.

2ª PARTE: [ALGUMAS] INTENÇÕES & CONTEÚDOS

Configurou-se, em formato e discurso acadêmico, o pensamento estético de Almada Negreiros, a partir de um percurso iconográfico múltiplo – desenho, pintura, vitrais, desenho inciso, frescos, gravura, painéis cerâmicos...– privilegiando aquelas obras que se articulam, em particular, à intencionalidade e expressão desse pensamento ensaístico, sistematizando as temáticas e obsessões da criação artística.

A identidade artística e filosófica da obra de Almada Negreiros exige, pois, a análise e reflexão consertadas, entre a produção literária e crítica e a criação plástica. O elo de ligação, conferidor de sua unidade (1+1=1), respeita à evidência dos princípios sustentadores de sua doutrina, patentes na sua obra como todo – geradores de outros conceitos complementares – destacando-se, com peculiar intensidade, o de “Humanidade” e o de “pessoa humana individual”.

Para estabelecer os pressupostos de uma estética desenhada por Almada Negreiros, configure-se a sua fundamentação teórica, para a correta contextualização epistemológica, retrocedendo até aos textos de valência mais hermético, no plano esotérico, na Cosmologia, na Metafísica, na Filosofia da História, na Ontologia e sobretudo nos adstritos ao domínio da Antropologia Simbólica e Filosófica. Revelou-se de singular interesse, o procedimento metodológico seguido por Almada, no que se traduziu o seu recurso a autores relevantes do pensamento da Humanidade, em diferentes áreas de saber, para diretamente legitimar o seu próprio pensamento. Tal atitude é, em Almada, demonstrativa de uma cultura e conhecimentos bastante aprofundados, fruto de uma investigação porventura solipsista a que não foi, muito provavelmente, alheia a sua formação humanista no Colégio de Campolide, consolidada pela práxis artística.

A perspectiva, sobre a obra ensaística de Almada, radica na convicção que este assumiu, ao legitimar a estrutura e conteúdos do seu pensamento – mesmo as especulações mais pessoais, em autores inquestionáveis – fundando-o num saber constitutivo da Humanidade, conhecimento irrefutável, imanente à tradição ocidental filosófica e literária.

Embora recusasse o ensino no sentido formal e acadêmico, Almada celebrou os seus Mestres, Mestres convincentes e de que estava convicto, dos quais retomou os elementos conciliadores e promotores para as suas doutrinas sobre:

- a necessidade da modernidade, na época modernista;
- sobre a urgência de uma assunção [da] Pátria;
- a conseqüente redenção da nacionalidade¹;
- a remissão da origem da Humanidade;
- o retorno à genuinidade do Humano no mito e na cronologia;
- a assunção da pessoa humana individual na multiplicidade das suas exigências éticas, sociais, antropológicas e estéticas;
- enfim, as mais herméticas convicções sobre o Homem pela primazia da “vista”.

Na retrospectiva biográfica e operática evidencia-se o conceito de pessoa, emergente desde o início na obra, que suscitou formulações sucessivas relativamente às modalidades de abordagem, assumindo proporções diferenciadas.

Almada completou a sua definição conceptual, transformando-a: de preocupação tendencialmente egóica e *performativa*, viu-a indissociável da colectividade, no social; acresceu-lhe a acepção cosmológica de pertença à Humanidade, no Universo; trouxe-lhe dos primórdios míticos do pensamento, a radicação arcaica no Todo; configurou-a em cânone; finalmente desocultou-a em criação poética, pela experiência estética, tornando-se unidade na pluralidade, oposicional e perpétua.

A problemática estruturada na definição da pessoa individual humana constata-se, como necessidade no artista, quer na produção ensaística, quer na dramaturgia, e culmina nesse outro conceito fundamental – o conceito de Ver, elaborado num processo obsessivamente consolidado, desde as remotas efabulações dos princípios mítico-poéticos à racionalização crescente dos pré-socráticos a Platão e Aristóteles, acompanhando a filosofia e a história ao longo – das metamorfoses e perpetuidade da humanidade – de acordo com a mencionada tradição hermética da arte – processo que se conciliará com a emergência anterior do conceito de Modernidade (talvez o motor iniciático desta procura) transposto para o “arcaico”, como propedêutico da linguagem universal, na maturidade criativa do próprio Autor.

É evidente a necessidade de confrontar a produção plástica do autor, por referência às suas preocupações profundas (mesmo obsessivas), com os escritos de teor filosófico e estético. As características ironistas, repetitivas, por vezes algo inconsequentes, no discurso de Almada Negreiros, ainda que conformadas segundo as determinações de linguagens efetivas, consoante as diferentes produções, possuem um sentido unificante – que ultrapassa os paradoxos e

ambiguidades; deixam transparecer a solidez da sua matriz comum, o ato de ver e o conhecimento supremo que confere a verdadeira personalidade ao homem na Vida como Todo, na Arte como Vida no Todo.

Mediante este panorama, conformou-se o pensamento estético de Almada Negreiros, procedendo pelo discernimento pregnante das grandes questões abordadas, contextualizadas em concordância ao tratamento radicado na história da estética europeia ocidental; indo ao encontro dos autores citados pelo próprio Almada Negreiros – donde a transcrição das suas argumentações e comentários imprescindíveis – não apenas para confirmar o teor das suas citações, muitas vezes citações livres e não absolutamente fiéis às versões originais, mas para apreender os genuínos sentidos subjacentes e, sobretudo, o direcionamento das intenções do ato de citar. A fundamentação autoral, exterior a Almada supõe não apenas a validação ou legitimação do seu pensamento argumentativo ou especulativo, também a irrupção mediante um ato lúdico, possível para quem conhece os Mestres dentro de si. Assim, se incluem as referências às fontes mencionadas por Almada e revisitações dos autores que demonstram, validam afinidade aos planos cúmplices do seu pensamento.

O percurso instituído baseou-se no enquadramento e enunciação dos conceitos em si, até à revalidação recuperativa do significado que, me parece, Almada lhes atribuiu. Verificou-se imprescindível, por vezes, a excessiva minúcia na expositio, de modo a cumprir o meu escopo inicial: aceder às palavras e ideias de Almada – recuperando as suas ideias, a partir da cumplicidade às interpretações de outrem, confrontando-as e tomando-as das fontes.

Ser sobretudo fiel ao pensamento, doutrina e obra de Almada, explicitá-lo, organizando-o de acordo com a estrutura mais adequada, mais do que propor ajuizamentos de valor. Para reiterar as suas apreciações críticas, não o indexando em grupos restritivos de pensamento, aos quais, certamente, não quis nunca aderir.

(e continuou)

Coda: A antiguidade e a atualidade convergem, considerando que Almada proclamou percursos biunívocos – por vezes, múltiplos – sempre cumprindo eixos condutores firmes – produção escrita e produção visual. Atendendo a esta condição, evocaram-se nas páginas anteriores, os atos e as conquistas para outorgar visibilidade a ambas, decorrendo de responsáveis na Academia, nas Artes e na Museologia, enquanto Pessoa-Património Cultural, assim como através de uma Programação Cultural, consentânea, com referências a publicações associadas. Independentemente dos locais e dos ímpetus, a apresentação da sua obra perfilou-se perante gerações e percorreu – ainda que de forma intermitente – os públicos portugueses, com apортаções de Espanha e Brasil.

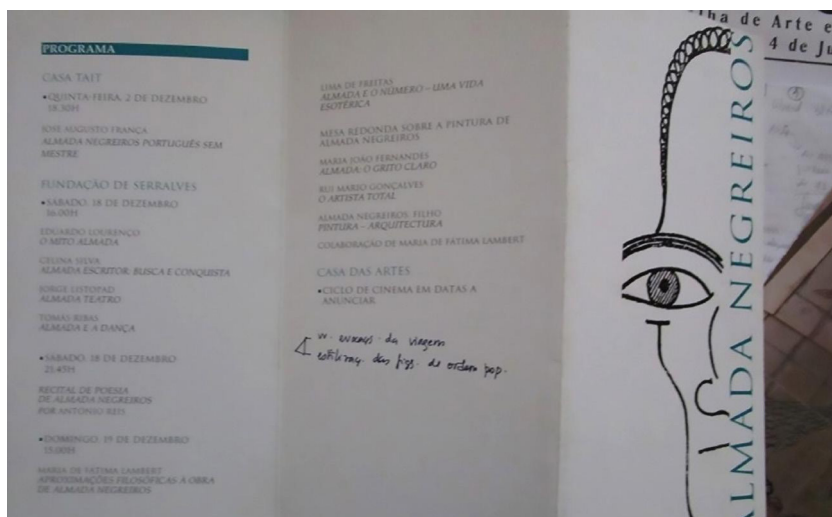
Ficam agradecimentos imensos, sendo o trabalho dedicado a minha Mãe: Ao meu Pai, que leu e releu as ditas páginas, assinalando gralhas, erros e questionando-me. Como engenheiro mecânico que era, tudo tinha de ser coerente e objetivo!

Ao meu marido [então] e amigo sempre, tão admirador de Almada quanto eu; pelas conversas longas; pela sua exigência e persistência, afim que eu ultrapassasse demoras e desvios.

Fica a gratidão ao Prof. Mário Garcia, modelo inexcelável de Orientador – que tento cumprir perante os meus Orientandos.

In memoriam Prof. Júlio Fragata, Prof. Roque Cabral, Prof. Fernando Pernes e Arquitecto José Almada Negreiros.

¹ Ao provar que, na herança dos portugueses, cuja cultura “era essencialmente visual” porque marcada pela ancestralidade grega, urgindo acompanhar o desenvolvimento europeu no século XX.



FÁTIMA LAMBERT – Nasceu, vive e trabalha no Porto. Doutorada em Estética (Filosofia) – Faculdade de Filosofia de Braga/Universidade Católica Portuguesa. Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação/Politécnico do Porto, onde coordena a licenciatura *Gestão do Património e o Mestrado Património, Artes e Turismo Cultural*.

Bolseira FCT projeto “Writing and Seeing” (2000-2004). Coordena a linha investigação “Cultura, Artes e Educação do InED – Centro de Investigação e Inovação em Educação, de que foi diretora até 2017. Membro da AICA (Portugal). Curadora Independente, privilegiando o eixo Portugal-Brasil-Espanha. Keynote Speaker, autora de vários livros, monografias e de textos em revistas científicas.